

^c Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ), Belém, PA, Brasil

Objetivos: A anemia é uma das doenças com descrições mais antigas na história e uma das mais difundidas, considerada um problema de saúde pública, acometendo cerca de um terço da população mundial, segundo a Organização Mundial de Saúde, tornando seu estudo indispensável aos profissionais de saúde. Dessa maneira, a liga acadêmica de hematologia realizou a jornada científica de anemias, um evento *on-line* que visava proporcionar aos discentes da saúde um apanhado geral do tema e uma possível compensação de deficiências, causadas devido à pandemia por COVID-19. Esse trabalho objetiva relatar a experiência dos discentes de medicina na promoção dessa jornada.

Materiais e métodos: Consiste em um relato de experiência que descreve a visão dos autores na organização de uma jornada científica de anemias, expondo um olhar qualitativo por meio da descrição e observação. **Resultados:** O evento foi planejado para ser gratuito e abranger todos os graduandos dos cursos da saúde em qualquer semestre, por isso, foi necessário prover conhecimento aos inscritos, para que pudessem aproveitar integralmente as palestras. Dessa forma, a liga desenvolveu um material baseado na literatura de referência para a hematologia, que serviu tanto para o aprendizado dos inscritos, quanto para estudos futuros. Além disso, para aproximar os discentes da experiência dos profissionais, optou-se por ministrar palestras, que, devido a pandemia, ocorreram de forma *on-line* na plataforma YouTube por meio de streaming, permitindo acesso universal e participação em tempo real. Assim, ocorreram 6 aulas divididas em 3 dias com duração de 1 hora cada, as quais ainda estão disponíveis no canal da liga. No primeiro dia houveram 145 espectadores simultâneos, 205 interações no chat ao vivo, no segundo, 116 e 156, respectivamente, e no terceiro 62 e 75. **Discussão:** A Jornada propiciou a conexão e aprofundamento entre diferentes assuntos referentes à área de hematologia, particularmente às anemias, presentes na grade curricular dos cursos da saúde, engajando profissionais e estudantes com diferentes atuações e experiências na construção de aprendizados no evento. Destaca-se ainda que, o plano teórico foi organizado de forma sequencial ao nível de complexidade do assunto apresentado, permitindo uma construção de conhecimento escalonado de todos ali presentes e, conseqüentemente, um nivelamento do saber para o enriquecimento no debate após cada palestra. Ademais, transmitir um evento *on-line* requer um conhecimento prévio das ferramentas de streaming, o que demanda estudo e testes prévios ao evento. Também, foi analisada a importância de atentar à escolha da plataforma de inscrição e contato com os inscritos, pois os organizadores foram surpreendidos com a cobrança de uma taxa para envio de e-mails, que não estava planejada no orçamento. **Conclusão:** Um evento em época de pandemia demanda uma organização distinta, pois o distanciamento social impossibilita uma grande concentração de pessoas. Nesses casos, a tecnologia facilita a difusão do conhecimento, mas também dificulta sua assimilação por exigir um foco muito maior do aluno contra as distrações do cotidiano. Desta forma, a jornada tentou mitigar os desafios e expandir o entendimento sobre as anemias de forma abrangente, aproximando os inscritos da prática profissional da hematologia.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NAS LIGAS DE HEMATOLOGIA DO BRASIL

GP Gutierrez^a, ATO Raab^a, EMB Souza^a, CBCD Carmo^a, LBB Malta^a, PJB Camargo^a, GAS Xavier^a, LP Monteiro^a, JPA Silva^a, A Nonino^b

^a Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil

^b Centro de Câncer de Brasília (CETTRO), Brasília, DF, Brasil

Introdução: A extensão universitária, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, é definida como uma finalidade do ensino superior que visa sobretudo à interação entre Universidade e sociedade, constituindo parte do tripé universitário. As ligas acadêmicas, organizações estudantis cuja função é fomentar o ensino, a pesquisa e a extensão em determinada área, promovem, com certa frequência, atividades de extensão. Desse modo, o presente trabalho possui como objetivo analisar a extensão universitária nas Ligas Acadêmicas de Hematologia. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa quantitativa, através da aplicação de questionários online. A população alvo eram as ligas acadêmicas de hematologia do Brasil. No ano de 2020 foram abordadas 44 ligas, a taxa de resposta foi de 72,7%. O instrumento era autoaplicável anônimo, e a participação voluntária, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da instituição proponente sob o Cae 24510719.2.0000.0029. Para este trabalho foram analisadas 5 questões, das 13 contidas no questionário, versando sobre o tripé universitário. Os dados foram analisados pela ferramenta Excel 2013, para análise descritiva e foram codificados, de forma a garantir o sigilo dos participantes. **Resultados:** Projetos de extensão são desenvolvidos por 75% das ligas e dentre as que possuem extensão, 68,7% revelam manter contato com a população. Em relação a dificuldade quanto ao desenvolvimento de projetos, 71,8% apresentam alguma dificuldade. Dentre as relatadas, 3,1% afirma não ter adesão dos estudantes nas atividades; 12,5% enfrenta dificuldade em encontrar professores hematologistas para auxiliar; 9,4% para elaborar um projeto de extensão na área de hematologia; 46,9% em mais de uma das opções e 28,1% não enfrentam dificuldade com projetos de extensão. Das ligas participantes, 6,25% não possuem orientador hematologista. **Discussão:** Os resultados encontrados foram majoritariamente positivos, entretanto, ainda há uma grande parcela das ligas acadêmicas que não desenvolvem atividades de extensão ou que apresentam dificuldade no desenvolvimento de projetos, seja por dificuldades no próprio projeto, em encontrar um orientador hematologista auxiliar, por falta de adesão dos estudantes ou por mais de um desses motivos. Segundo a Demografia Médica no Brasil 2020, há desigualdades persistentes na distribuição dos médicos quando comparam-se as regiões do país ou os grandes centros com o interior. Tal desigualdade reflete-se no cenário acadêmico, e atinge ainda mais as ligas acadêmicas de especialidades médicas como a Hematologia, que contempla apenas 0,7% dos médicos especializados do Brasil. O número reduzido de médicos pode estar refletindo na falta de orientadores hematologistas para as ligas



acadêmicas ou para projetos de extensão. Além disso, foi mostrado que uma porcentagem significativa de extensões não tem contato com a população e, levando em conta que as relações interpessoais exercem um papel motivador na escolha da especialidade, o menor contato com os médicos especialistas e pacientes pode afastar os estudantes da especialidade. **Conclusão:** Desta forma, depreende-se que, embora as ligas acadêmicas de hematologia sejam espaços para estimular reflexões do estudante de medicina e melhorar o desenvolvimento curricular estudantil, a manutenção da atividade extensionista permanece um desafio.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.829>

GRAFT VERSUS HOST DISEASE IN AUTOLOGOUS STEM CELL TRANSPLANT: AN UNCOMMON ENTITY

BMS Gomes, CA Martins, EMMB Bariani,
LCO Bariani, AMTC Silva

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-
Goiás), Goiânia, GO, Brazil

Aim: Identify in literature the graft versus host disease (GVHD) incidence after autologous hematopoietic stem cell transplantation (HSCT). **Materials and methods:** We searched the PubMed database using a broad search strategy to identify studies related to GVHD complication after autologous stem cell transplant. The primary search was conducted using the terms: “GVHD in autologous transplant”, and publication date less than 5 years. 91 free full articles were identified, but 7 were better related to the purpose of the study. **Results:** Two articles present cases of gastrointestinal tract (GIT) GVHD in recipients of autologous HSCT. Two patients with multiple myeloma had GVHD and the clinical and endoscopic presentations were distinct. Another patient developed severe acute GVHD 93 days post autologous HSCT for Hodgkin’s lymphoma. PET and CT findings included characteristic patterns of bowel inflammation with bowel wall thickening, mural stratification, and enhancement with high FDG-uptake of the involved regions, as well as typical extra intestinal findings such as ascites, engorgement of the vasa recti and stranding of the mesenteric fat. A case report of membranous nephropathy succeeding autologous HSCT described that this is a rarely entity (3% post-autologous vs . 97% post-allogeneic HSCT). In autologous HSCT populations, there have been reports of associated glomerular disease, because of any type of immune dysregulation. Based on literature, 6% of all patients with glomerulonephritis after HCT had received Autologous transplants. And the last case report presents a 4-year-old girl with metastatic neuroblastoma who spontaneously developed AGVHD after autologous HSCT. One article said the risk of GVHD in an autologous transplant is zero and the last one related the skin cancer with the delayed immune recovery and persistent immunodeficiency in GVHD. **Discussion:** GVHD following stem cell transplantation (SCT) is a common complication in patients that have undergone allogeneic SCT but rare in recipients of autologous SCT. With the emergence of autologous HSCT, GVHD and its complications

were expected to be eliminated. However, autologous GVHD has been described in some patients, and your prophylaxis mainly consists of post-transplant administration of immunosuppressive drugs and may impair the post-transplant immunologic reconstitution. After the sixth month, immune recovery occurs progressively towards complete recovery, but GVHD may develop. In chronic case, patients with only liver and skin involvement have a better prognosis. Patients with extensive involvement of multiple organs the prognosis may be poor. Recent studies have indicated that two major factors are necessary for the induction of autologous GVHD: the first factor was a disruption of thymic-dependent immune reconstitution and the second one was a failure to reestablish peripheral self-tolerance. On another hand, autologous GVHD has been thought of as an autoimmune syndrome and a milder form of GVHD than its counterpart in allogeneic transplantation, the presence of autoantibodies in relation to the HSCT provides evidence for the involvement of the B cell. **Conclusion:** The difficulty of finding articles related to the study shows GVHD in autologous HSCT is an uncommon entity, but although this fact, these cases are important to further the understanding of the various presentation of this manifestation and be awake to the possibilities of differential diagnoses.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.830>

GRUPOS SANGÜÍNEOS E ALOIMUNIZAÇÃO: DESAFIOS DA TESTAGEM EM PACIENTES COM DOENÇA FALCIFORME E β -TALASSEMIA

R Widmer, AIB Ferreira, GAF Monteiro,
MCG Leite, RV Fidelis, LC Feitosa, CA Brandão,
JPB Melo, GS Arcanjo, MAC Bezerra

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife,
PE, Brasil

Introdução: Pacientes com doença falciforme (DF) e β -talassemia com clínica grave, apresentam necessidade de transfusão sanguínea recorrente, aumentando o risco de aloimunização. A aloimunização ocorre devido à exposição a antígenos não próprios, levando à formação de anticorpos e resultando em reações transfusionais hemolíticas agudas e tardias. **Objetivo:** Diante disso, o objetivo desta revisão narrativa é analisar a fenotipagem e genotipagem desses grupos sanguíneos em pacientes com doença falciforme (SS, S β , SC, SD) e β -talassemia e seus impactos na aloimunização. **Materiais e métodos:** Foram realizadas duas buscas distintas nas plataformas científicas: PubMed, Biblioteca Virtual de Saúde, Science Direct e ResearchGate, com os seguintes descritores “sickle cell disease”, “thalassemia”, “alloimmunization” e “genotypes”. Incluiu artigos a partir do ano de 2015 que tratavam de genótipos de sistemas sanguíneos (ABO, Rh, Kell, Kidd, MNS ou Duffy) relacionados ou não a aloimunização em pacientes com doença falciforme e/ou β -talassemia. **Resultados:** Em um estudo envolvendo cerca de 1.147 pacientes com β -talassemia maior, identificaram por meio de técnicas moleculares, que cerca 48.5% e 23.7% dos pacientes apresentaram aloanticorpos contra o sistema Rh e Kell, respectivamente. Em um

